

“Ventos de não deixar se formar orvalho”: os romances *Berlin Alexanderplatz* e *Grande Sertão: Veredas**

Daniel Reizinger Bonomo**

Abstract: The parallel between the novels *Berlin Alexanderplatz* and *Grande Sertão: Veredas* was first drawn within the Brazilian literary criticism in a comment made by Davi Arrigucci Jr. With the intent of pursuing the discussion raised by the author, this article proposes a more detailed analysis of the elements which define both texts as representative works of the modern novel discourse. The analysis focuses on the movements which characterize the trajectories taken by the protagonists Franz Biberkopf and Riobaldo, with a view on the characters' transit in space, as well as emotionally, and also in regard to the transit that operates the narration within both novels. In this light, the article outlines the particularities which situate both novels within the tradition that associates them with the books *Wilhelm Meisters Lehrjahre* and *L'Éducation Sentimentale*.

Keywords: *Berlin Alexanderplatz*; *Grande Sertão: Veredas*; Movement; Modern novel.

77

Zusammenfassung: Die Parallelen zwischen den Romanen *Berlin Alexanderplatz* und *Grande Sertão: Veredas* werden in der brasilianischen Sekundärliteratur seit Davi Arrigucci Jr.s Kommentar sichtbar. In der Absicht, die dort begonnene Diskussion fortzusetzen, werden hier die Elemente im Detail untersucht, die beide Texte als Exponenten des modernen Romans einander annähern würden. Besonderes Augenmerk gilt den für die Laufbahn beider Protagonisten charakteristischen Bewegungen, den räumlichen und emotionalen Veränderungen der Figuren sowie insbesondere dem „Verkehr“, der die Erzählung in beiden Romanen vorantreibt. Hiermit sollen die Besonderheiten dieser Romane, die sie in einer gemeinsamen Traditionslinie mit *Wilhelm Meisters Lehrjahre* und der *L'Éducation Sentimentale* verorten.

Stichwörter: *Berlin Alexanderplatz*; *Grande Sertão: Veredas*; Bewegung; Moderner Roman.

* Este artigo procura expor as linhas gerais de nossa dissertação de mestrado. Cf. BONOMO, Daniel Reizinger. *Colocutores em Trânsito. Os Tontos Movimentos dos Romances Grande Sertão: Veredas e Berlin Alexanderplatz*. São Paulo: USP – FFLCH. Dissertação de mestrado, 2007.

** Mestre em Letras, Língua e Literatura Alemã. drbonomo@gmail.com

Procuramos inutilmente fixar um círculo,
uma paisagem em que nosso espírito se compraz,
mas a vida é terrivelmente móvel.
(Cyro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro*)

Embora *Berlin Alexanderplatz* já tenha a sua tradução em língua portuguesa, o mais significativo romance de Alfred Döblin continua a ser pouco notado em nossos meios literários e não ultrapassa a sua primeira edição brasileira, feita há mais de dez anos. Um comentário de Davi Arrigucci Jr., no entanto, projetou entre nós uma discussão bastante significativa, que é a aproximação do livro de Döblin ao romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Em seu texto, concentra-se Arrigucci Jr. no modo épico dos dois romances, questão, em grande parte, entendida pelo efeito da ilusão de oralidade que neles habita, e retoma em seguida o problema em torno do *Bildungsroman*, terminologia que se aplicaria, de algum modo, a ambos os romances, a partir da leitura que o crítico faz do conhecido texto de Walter Benjamin, *Crise do Romance*. Associado o romance de Rosa ao paradigma do *Bildungsroman*, ou seja, ao *Wilhelm Meisters Lehrjahre*, temos que a discussão segue, por exemplo, quando José Antonio Pasta Jr. afirma que a lógica de base do *Grande Sertão: Veredas* configura “uma contradição insolúvel”, que não propõe “síntese” ou “superação”, mas conhece o movimento contínuo da “formação como supressão”, que o afastaria.

78

[...] a grande distância, do Wilhelm Meister, cujo modelo, sob muitos aspectos sociais, inverte. Inverter é ainda aproximar-se, mas, submetido ao ritmo da má infinidade, que por definição não conhece superação ou síntese, o romance de Rosa acaba por contrariar essencialmente o romance de formação clássico, que tem por eixo axiológico a renúncia à totalidade, o recorte nítido das identidades sexuais, a especialização produtiva, a crítica das aparências... (PASTA JÚNIOR 1999: 69).

Ao continuarmos o debate, com o mesmo interesse pelas movimentações do *Grande Sertão: Veredas*, incluiremos o romance de Döblin para notar que entre os problemas do discurso épico moderno, no romance, inevitavelmente se encontra o tema do encerramento de uma unidade satisfatória que se apresente como “síntese” da trajetória de uma personagem protagonista. Discursos abrangentes, recheados sem restrições e enriquecidos no diverso que encena plurais formações em convivência íntima apesar de seus aspectos distintivos, *Berlin Alexanderplatz* e *Grande Sertão: Veredas*, próximos como heteróclitos, dissolvem o elemento orgânico que em romances do século XIX, ou no *Wilhelm Meister Lehrjahre*, integra um

protagonista e seu entorno numa unidade de sentido ficcional tomada exemplarmente por “totalidade”. Riobaldo e Franz Biberkopf, caso sejam a redução de toda a vida de uma época, um elemento romanesco usual, não chegam todavia a unificar o sertão e a cidade, mas posicionam-se como agentes nos quais registros vários são dramatizados e assim produzem uma constante indeterminação, corroborada incansavelmente pelo que se pode apreender da narrativa de seus “anos de aprendizagem”¹

Recordando o texto de Benjamin mencionado, *Berlin Alexanderplatz* não apenas se filia à tradição do *Bildungsroman*, como também se avizinha de *A Educação Sentimental*, de Flaubert. Neste caso, vale observar que os sucessivos cortes que a realidade representada nos romances de Goethe e Flaubert faz na esfera dos anseios ingênuos de jovens protagonistas apaixonados, como são Wilhelm Meister e Frédéric Moreau, levam à concepção de uma experiência cuja totalidade é uma resultante construída com elementos de desilusão e resignação, logo elementos supressivos. Ao longo desses romances, encontramos passagens em que o mundo exterior recebe do olhar dos protagonistas uma luz que o ilumina e embeleza, pleno de sentido e fulgor. Não podemos deixar de sublinhar que daí, para as adaptações que os condicionam menos fantasiosos ao final dos dois romances, configura-se uma espécie de “supressão”, ajustados que são a uma realidade menos “grandiosa”, que é o que podemos entender da conversa-balanço que têm Moreau e seu amigo Deslauriers nas últimas páginas do livro de Flaubert ou da formação profissional específica que assume o Meister no *Wilhelm Meisters Wanderjahre*, que contraria de algum modo seus desejos juvenis por uma “formação universal”. Com isso, por certo, retoma-se também, da teoria de Lukács, o problema da disposição para a vida que alimentam os protagonistas desses romances, que não encontra uma correspondência simples nos casos de Guimarães Rosa e Döblin, embora os personagens centrais destes também nutram esperanças. Riobaldo narra ele mesmo sua trajetória, como rememoração, num procedimento que contamina aquilo que seriam suas “disposições iniciais” com um misto de lembranças e considerações do presente da narração. Por sua vez, Franz Biberkopf de *Berlin Alexanderplatz*, em matéria de anseios, não mais deseja que a “decência”, e não ser o Walter

¹ De passagem, note-se que em outros aspectos valeria também investir numa aproximação do livro de Döblin com textos de outros autores brasileiros como, por exemplo, aquele *Paulinho Perna Torta* de João Antônio, onde são narradas as “perambulagens” da trajetória de um marginal de fama na barafunda do centro paulistano. Outra comparação interessante estaria em *Berlin Alexanderplatz* com *Os Ratos* de Dyonelio Machado, no qual o protagonista Naziazeno enfrenta problemas de uma esfera social pouco privilegiada numa linguagem que muito nos faz recordar o modo de Döblin de fundir os pensamentos de um narrador e da personagem central para a composição de um ritmo de tempo vertiginoso.

Scott da França como Moreau, e menos ainda um próximo de Shakespeare, como Meister.

Se atentarmos às trajetórias de Riobaldo e Franz Biberkopf, constatamos também que as “supressões” nos desenvolvimentos de suas histórias colocam em jogo problemas mais radicais quanto à integração de suas vidas e idéias à realidade de seus entornos. Chega-se a intitular, como o fez Marcus Vinicius Mazzari, a trajetória de Biberkopf como uma “formação pela deformação”, tendo em vista que em seu trajeto o protagonista de *Berlin Alexanderplatz* perde, inclusive, um de seus braços (MAZZARI 1999: 87).

Parece-nos que o problema central, e que distingue as experiências de Riobaldo e Franz Biberkopf como casos mais tensos que os de Frédéric Moreau e Wilhelm Meister, como veremos, é que a narrativa que compreende o mundo romanesco daqueles compõe-se de uma incessante movimentação que a define e, ao permear todas as suas esferas, produz a indeterminação de seus sentidos. Contudo não podemos também excluir dos romances de Goethe e Flaubert elementos transitórios em alguns de seus constituintes. Por exemplo, a vida de Wilhelm Meister, enquanto membro de uma companhia de teatro, é a de um nômade, bem como Frédéric Moreau não se fixa profissional e sentimentalmente (pelo menos, até o momento de sua resignação, ou seja, o final do livro). Mas a movimentação nesses dois romances difere em muito da que encontramos em *Grande Sertão: Veredas* e *Berlin Alexanderplatz*, pela intensificação dos problemas reflexivos e de linguagem que são a realidade de Riobaldo, e também pelo transtorno alarmante que gira em torno de Biberkopf como texto “da” metrópole. Em decorrência disso, não apenas observaremos as mobilidades de Riobaldo e Biberkopf enquanto personagens que muito se deslocam espacial e emocionalmente, mas também procuraremos destacar a linguagem dos dois romances como operantes do transitório. Portanto, por um lado, não podemos afastar esses romances dos de Goethe e Flaubert, já que podem estar em um mesmo campo de investigação, como ensinou Benjamin, assim como não devemos considerá-los essencialmente opostos, embora possamos reconhecer as distinções entre eles quando alinhados em uma única tradição.

Interessante notar que, nos poucos comentários que *Berlin Alexanderplatz* recebe no Brasil, geralmente estão associados o texto de Walter Benjamin escrito em 1930, e o livro de Döblin, de 1929. O contexto em que estão inseridos ambos é o de uma “crise do romance” tomada como um problema geral, como o sinal de um tempo em que romances do século XIX,

então modelos tradicionais, já não mais deveriam ser possibilidades comuns à representação literária moderna. Generalizada, afirmamos, pois não apenas Benjamin e Döblin trataram dessa “crise”, uma discussão bastante significativa naquele momento (na passagem da década de 1920 para a de 30), mas também autores como Otto Flake e Robert Musil, por exemplo, estiveram nela envolvidos com suas opiniões.

Benjamin reconhece que Döblin “não se resigna com essa crise, mas antecipa-se a ela e a transforma em coisa sua” (BENJAMIN 1994: 55). Admirado que estava com a leitura de *Berlin Alexanderplatz* e do texto teórico de Döblin que lhe serve de apoio, *A Construção da Obra Épica (Der Bau des epischen Kunstwerks, 1928)*, Benjamin chega a considerá-lo um “narrador nato”, “insurgindo-se contra o romancista” que seria um Flaubert. Se quando Benjamin escreveu o seu bastante reconhecido contributo à teoria literária, *O Narrador (Der Erzähler 1935/36)*, Döblin não representasse já para ele um membro da “inteligência burguesa de esquerda”, talvez o autor de *Berlin Alexanderplatz* pudesse também figurar como objeto de suas considerações que são desenvolvidas sob o exemplo de Nicolai Leskov, nome que hoje muita vez precisa do acompanhamento de uma nota explicativa. Döblin não participou da luta de classes no sentido em que Benjamin pensava melhor funcionar socialmente um intelectual, interagindo no processo produtivo propriamente, mas, antes, como um “protetor” do proletariado, um “mecenas ideológico”, como se lê em seu texto *O Autor como Produtor (Der Autor als Produzent, 1934)*².

81

De um ponto de vista unicamente literário, podemos em uma análise conciliar muito bem alguns argumentos dos textos teóricos de Döblin e Benjamin, sobretudo nos temas da “objetividade épica”. Mas algo nos horizontes políticos de ambos parece que foi oposto, e poderíamos hoje apenas imaginar quão notória seria a contribuição que os estudos sobre Döblin e seu *Berlin Alexanderplatz* receberiam caso houvesse Benjamin privilegiado Döblin com um *O Narrador* como o fez com Leskov³. Imaginações apartadas, trataremos de Döblin não como um autor que precisaria de uma reavaliação da importância de seu trabalho, pois isso já não se faz mais necessário. Insistiremos mesmo, a seguir, é na possibilidade

² Benjamin observa nesse texto que naqueles primeiros anos da década de 1930 o “conceito de intelectual ganhou terreno no campo da inteligência de esquerda e domina seus manifestos políticos, de Heinrich Mann a Döblin” (BENJAMIN 1994: 126), e que tal conceito, no entendimento de autores como Döblin, era determinado por uma “concepção do ‘intelectual’ como um tipo definido por suas opiniões, convicções e disposições, e não por sua posição no processo produtivo”. Para Benjamin, o “lugar do intelectual na luta de classes só pode ser determinado, ou escolhido, em função de sua posição no processo produtivo”.

³ Semelhante colocação encontramos em textos de Helmuth Kiesel (KIESEL 1999: 171-180; KIESEL 2004: 352-356).

entrevista de que há certo paralelismo entre os romances de Döblin e Guimarães Rosa.

Os tiros que encerram a batalha final do romance de Guimarães Rosa vêm de “profundas profundezas”, longe estão, sendo os últimos nas páginas últimas do livro, minguem junto à consciência de Riobaldo. Derradeira tempestade, as mortes de Diadorim e de Hermógenes desacordam o protagonista Riobaldo. Deixemo-nos com ele, “depois das tempestades”, acordar:

Ouvi os rogos do menino Guirigó e do cego Borromeu, esfregando meu peito e meus braços, reconstituindo, no dizer, que eu tinha estado sem acôrdo, dado ataque, mas que não estivesse espumado nem babado. Sobrenadei. E, daí, não sei bem, eu estava recebendo socorro de outros – o Jacaré, Pacamã-de-Prêsas, João Curiol e o Acauã –: que molhavam minhas faces e minha boca, lambi a água. Eu despertei de todo – como no instante em que o trovão não acabou de rolar até ao fundo, e se sabe que caiu o raio... (ROSA 1958: 560).

Estranho ao romance, é momento raro e breve no texto do livro um Riobaldo assim desacordado. De um tiro inicial, que não se ouve, mas que se lê como anterior à primeira palavra do livro e como motivador da fala que se inaugura, aos tiros finais que são também o silêncio da ausência de Diadorim, tagarela Riobaldo, colocando em ação os signos de uma agitada trajetória rememorada. “Para trás, não há paz”, afirma Riobaldo (ROSA 1958: 42).

A calma que deseja Riobaldo não está em seu passado (mesmo que, vez por outra, Riobaldo recorde os eventos e os lugares, as pessoas, as palavras e as coisas de suas “velhas alegrias”, os campos floridos de seus tranquilos momentos: uma “brisbrisa”, um manuelzinho-da-crôa, Nhorinhá “vestida de vermelho”, Otacília “no enquadro da janela”, Diadorim “duro sério, tão bonito, no relume das brasas” etc.) e também não se dá em seu presente, quando os conflitos de outrora rememorados, suas inquietudes e inseguranças afirmadas, assombram-no. As boas lembranças, embora existam, não aliviam o protagonista Riobaldo, já que convivem, no presente de sua fala, misturadas com o medo e a frustração que resultam dos seus anos de jagunço em atividade. Riobaldo contudo, na revisão de seu passado, faz do seu desejo de paz coisa atual e passada, como se esse sentimento, que tão caro lhe é, sempre o houvesse acompanhado:

Mesmo com a minha vontade toda de paz e descanso, eu estava trazido ali, no extrato, no meio daquela diversidade, despropósitos, com a morte da banda da mão esquerda e da banda da mão direita, com a morte nova em minha frente, eu senhor de certeza nenhuma (ROSA 1958: 334).

Mas, se ao iniciarmos demos atenção ao instante imóvel e desacordado de Riobaldo, procuramos com isso evidenciar que em sua trajetória o ritmo é outro, combinando sua fala com a constante movimentação e a pouca paz de sua andeja vida. A trajetória de Riobaldo, que elege dúvidas e incertezas, inscreve-se sobre movediço solo, sendo a fala que a narra operante simultaneamente o solo e o movimento.

Quando o leitor de *Grande Sertão: Veredas* depara com a imagem de um Riobaldo fora de si, sem acordo, ainda lhe resta porém a sensação de que nem tudo parou, pois não se cala o Riobaldo narrador, sobrevivendo sua fala à morte de Diadorim. Como no romance é o próprio Riobaldo quem narra a sua história, em nenhum momento nos distanciamos dele, e mesmo quando lhe ocorre a maior de suas perdas, o abalo que se segue não o silencia, mas, ao atingi-lo profundamente, incentiva a fala que é toda a narrativa. Em *Berlin Alexanderplatz*, outro é o caso.

Franz Biberkopf não enfrenta menores crises que as de Riobaldo: enganam-no, perde um de seus braços e também a mulher a quem mais amou. Todos esses momentos críticos perturbam o ânimo do protagonista, afastando-o de suas atividades e atrapalhando-no em sua usual movimentação pelo centro urbano berlinense em busca de uma vida “decente”. Por exemplo, quando Franz Biberkopf sofre o primeiro dos três golpes que o atingem durante o romance, que é a traição de Otto Lüders, ele se isola de seus conhecidos e do mundo, passando a viver recluso sem mais praticar o comércio de que se ocupava. “Não é da conta de ninguém o que eu faço. Se quero ficar cochilando, cochilo até depois de amanhã sem me mexer...” (DÖBLIN 1995: 119). Ou também, quando, vítima de sua ingenuidade, encontra-se envolvido na ação criminosa que lhe tira um de seus braços, deixa ele mais uma vez de agir, convalescendo em casa de amigos enquanto nega o ocorrido e ignora aqueles que esperam dele alguma resposta aos envolvidos no incidente. Franz Biberkopf, assim como Riobaldo, quer a paz.

A paz e a tranqüilidade de uma vida “decente”, contudo, não o atingem tão facilmente quanto os golpes que sofre. Franz Biberkopf permite que os dias de sua vida passem com seguidos descuidos e confere assim à sua história uma tonalidade que contrasta fortemente com o seu desejo de paz. E, desconhecendo a paz, assim como a sensatez, Franz Biberkopf apenas entrevê algum sossego quando lhe tocam os infortúnios que impedem a circulação incessante que o caracteriza. Logo, nunca é um verdadeiro estado de

tranqüilidade que o atinge, mas a calma inquieta de um ser entrevado por seus erros.

Curiosamente, como segurança e conforto, parece colocar-se no romance de Döblin o presídio de Tegel, local onde Franz Biberkopf esteve preso pelo assassinato de sua antiga companheira Ida. Muita vez, quando complicam as coisas para ele, ativam-se em sua memória as imagens de seu antigo cotidiano de prisioneiro:

O que fazer? E então a coisa o atravessa e ele fecha a boca com força: esse é meu castigo, eles me soltaram, os outros ainda estão descascando batatas na prisão junto ao grande monte de lixo, e eu tenho de pegar o bonde, maldição, não era tão mau assim por lá (DÖBLIN 1995: 106).

Mas Tegel, lembranças de Biberkopf e passado próximo ao livro, ocupa mesmo é o espaço que antecede o início da narrativa, significando assim também a ausência do livro e de sua ação. “Começa agora a pena”, lê-se no primeiro capítulo do romance (DÖBLIN 1995: 13), e o outrora trabalhador do transporte de mobílias tem de encarar sua vida na cidade, despedindo-se dos “bons tempos” em que o seu isolamento era bem assistido. A vida, movente, agita-se. “Der Rosenthalerplatz unterhält sich” (DÖBLIN 2002: 51).

Privado de suas andanças, o Franz Biberkopf que se esconde no seu quarto ou na casa de amigos, ou que é recolhido em um hospital ou em um presídio, destaca-se aparentemente como uma personagem ferida em sua propriedade. Se os períodos críticos do incauto Franz Biberkopf, ao aproximarem-no da morte, colocam-no entre quatro paredes, devemos notar com isso que, por outro lado, a sua vida participa usualmente do vaivém que anima as ruas berlinenses e do trânsito que a existência precária de Franz faz necessário, já que lhe é comum a incessante troca de mulheres, amigos, empregos, estados psíquicos e físicos.

Se no *Grande Sertão: Veredas*, como já observamos, em nenhum momento nos distanciamos de Riobaldo, o mesmo não se dá no *Berlin Alexanderplatz*. O romance de Döblin, diverso do rosiano, não faz uso de uma única voz em sua narrativa, mas alterna constantemente as várias vozes que o narram, resultando disso inúmeros momentos no romance em que perdemos o protagonista Franz Biberkopf. Quando o sombrio Reinhold lhe assassina a namorada Mieze, por exemplo, Franz Biberkopf não nota de imediato que isso ocorreu, ignora que mais uma vez fora apunhalado, e enquanto o caso caminha para o seu desvendamento, logo no primeiro capítulo do livro seguinte (o romance é dividido em nove livros), surgem, emparelhando esse

acontecimento tão significativo à trama, a notícia de uma luta de boxe, um discurso sobre o modo pelo qual as plantas se protegem do frio, um comentário sobre a falta de importância da publicação de algumas outras notícias, uma mesa de bar com pessoas que contam piadas etc. (DÖBLIN 2002: 397-399). Semelhante, porém, ao *Grande Sertão: Veredas*, no *Berlin Alexanderplatz* é a continuidade da narrativa que não tem o seu discurso abalado por um Franz Biberkopf fora de cena, como observamos igualmente no caso daquele Riobaldo desacordado. No romance de Döblin, a eleição de um protagonista como Franz Biberkopf não quer excluir da narrativa os inúmeros outros anônimos e seus discursos que assim como ele frequentam Berlim. Assim, se a existência da cidade não depende exatamente da existência individual de Franz Biberkopf, e o livro de Döblin constrói a sua narrativa com ambos, mesmo com um Franz Biberkopf morto, poderíamos ainda ter algumas páginas do *Berlin Alexanderplatz* indiferentes ao protagonista.

Riobaldo, a certa altura da narrativa, afirma que o sujeito que “é pobre, pouco se apega, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas” (ROSA 1958: 41). Sendo pobres, de “vida muito repagada”, e vivendo os dois em contínua movimentação, “perna direita, perna esquerda, perna direita, perna esquerda” (DÖBLIN 1995: 123), Riobaldo e Franz Biberkopf são ambos sujeitos provisórios, traço esse que é fundamental em suas personalidades⁴. As trajetórias dos dois protagonistas demonstram que ambos são portadores de uma vida bastante movimentada, jornadeando um pelo sertão em seu ofício de jagunço, enquanto o outro caminha com seus empregos temporários pelo centro berlinense. E, como se não bastasse o vaivém que suas atividades exigem, também os sentimentos que se apoderam dos dois são significativamente transitórios. A “natureza da gente é muito segundas-e-sábados”, como diz Riobaldo (ROSA 1958: 172).

Pouco nas histórias de Riobaldo e de Franz Biberkopf está livre deste caráter transitório que procuramos acentuar. Riobaldo ainda moço, insatisfeito na propriedade de Selorico Mendes, não se deixa ali estar, apesar do conforto, mas coloca-se em movimento e parte em direção ao Currealinho, onde estuda com Mestre Lucas. Daí em diante, inicialmente com o bando de Zé-Bebelo, e depois sob a chefia de Joca Ramiro, transita constantemente enquanto jagunço em guerra, que em suas palavras é “o constante mexer do sertão”

⁴ “[...] fazendeiro-mór é sujeito da terra definitivo, mas que jagunço não passa de ser homem muito provisório” (ROSA 1958: 390). O Riobaldo no qual demonstramos nosso interesse, neste momento, é o que se diferencia nas páginas do romance de Guimarães Rosa como jagunço, apesar de ocupá-las, as páginas, nas palavras de um Riobaldo fazendeiro, que é quem, como narrador, movimenta o Riobaldo “provisório” ao recordar sua história.

(ROSA 1958: 341). Já Urutú-Branco, chefe de seu bando, Riobaldo muito vaga pelo sertão, confuso de sentimentos, sem mesmo saber esclarecer aos seus companheiros o destino deles todos que seria posteriormente a travessia do Liso do Sussuarão. “Aonde é que jagunço ia? À vã, à vã” (ROSA 1958: 421). Ou seja, até mesmo quando é incerto o rumo de suas andanças, o trânsito de Riobaldo e seus jagunços é ininterrupto. “Mesmo deitado, eu sentia que estava caminhando, galopando”, reconhece Riobaldo (ROSA 1958: 422), dando-nos a entender que a maior constância da vida de um jagunço é o seu viver nômade, a sua inconstância de homem andejo que não se deixa fixar em parte alguma. “Homem anda como anta: viver vida. Anta é o bicho mais boçal...” (ROSA 1958: 525).

Não é outro o modo pelo qual vive Franz Biberkopf, que anda pelas ruas de Berlim à procura de um trabalho, ou então empregado, como vendedor ambulante; à procura de uma mulher ou, então, à procura de um bar que possa aliviar suas dores; se envolvido numa ação criminosa, anda Biberkopf também, e até mesmo quando nada o ocupa, caminhar pode ajudá-lo, incluindo-o na vida cidadina. Mais que uma escolha, a movimentação é uma condição que se lhe impõe, pois se adaptar como cidadão, deixado o presídio de Tegel para trás, significa enfrentar as ruas com seus transeuntes, bondes, automóveis e tudo o mais que nelas se movimenta, incluso aí os mais diversos discursos que numa grande cidade circulam sem cessar. Também superar suas crises, nas quais Franz Biberkopf se confina entre quatro paredes, como já observamos, implica adentrar o trânsito de Berlim e colocar-se lado a lado com os pedestres anônimos que dão forma à cidade:

Para fora do buraco, para a rua fria. Havia muita gente. Uma quantidade incrível no Alex, todo mundo ocupado! Parece que não podem viver sem isso. Franz Biberkopf correu com eles, revirando os olhos para a direita e para a esquerda. Como quando um cavalo escorrega no asfalto molhado e leva um pontapé com a bota na barriga e tenta se levantar, sai aos tropeções, e depois dispara feito louco (DÖBLIN 1995: 148).

Constantemente, o discurso de *Berlin Alexanderplatz* associa o caminhar de Franz Biberkopf a um marchar, como se a todo momento em que o protagonista enfrenta as ruas, tomasse ele, contra a sua vontade, parte numa guerra:

Franz Biberkopf marcha pelas ruas, passo firme, esquerda direita, esquerda direita, não vou alegar cansaço, nada de botequim, não vou beber, veremos, chegou uma bala voando, vamos ver, apanho eu com ela, fico deitado, esquerda direita, esquerda direita, esquerda direita. Rufar de tambores e batalhões. Finalmente ele respira (DÖBLIN 1995: 276).

Pudesse, e alguma inteligência melhor auxiliasse, talvez Franz Biberkopf evitasse uma parte dos conflitos que o envolvem, mas, existindo as ruas, sempre alguma coisa caminha ao seu lado e, sendo ele muita vez boçal como uma anta, para usar dos termos de Riobaldo, acontece geralmente de ele não poder escapar de seus infortúnios e ver-se num campo de batalha em guerra, tal como o personagem de Guimarães Rosa. “Vida, e guerra, é o que é: êsses tontos movimentos, só o contrário do que assim não seja” (ROSA 1958: 217).

Antes já havíamos observado que não apenas os “corpos” de nossos protagonistas estão em constante movimento, mas que também os sentimentos que lhe pertencem têm aspectos transitórios:

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou (ROSA 1958: 24).

A noção defendida por Riobaldo de que as pessoas “vão sempre mudando” traz mais uma vez ao nosso texto a questão do “desenvolvimento” das personagens em suas trajetórias. O Riobaldo pra quem “viver é um descuido prosseguido”, no presente de sua narração depara com uma série de problemas que emergem de sua fala enquanto recupera o seu passado. Para tais problemas Riobaldo parece não querer a ajuda de soluções definitivas, preferindo deixar sem respostas as suas dúvidas, pois toda e qualquer explicação, em seu caso, seria uma simplificação indesejada⁵. Se em seu presente de jagunço aposentado inquietam-lhe questões existenciais que ora o fazem afirmar uma coisa, ora outra, sustentando, por exemplo, a tensão entre o ser e o não-ser do diabo e, conseqüentemente, colocando em dúvida a validade de seu pacto e do seu compromisso de homem crente, em seu passado de jagunço em atividade, como nos faz acreditar a sua voz, menores não eram as suas inseguranças.

Marcando-lhe profundamente a lembrança de Diadorim, o ser duplo que essa donzela guerreira é, sendo simultaneamente homem e mulher, delicadeza e força, projeta em Riobaldo a sua ambigüidade. Assim, absorvido pelo que aprendeu com Diadorim, a educadora maior de seus sentimentos,

⁵ Se Riobaldo, de vez em vez, pede o auxílio do visitante “instruído” a quem ele dirige a sua fala, isso contudo não demonstra uma verdadeira vontade de ter esclarecidas as suas questões, já que no texto do *Grande Sertão: Veredas* não há espaço para o seu interlocutor que está a todo momento emudecido pela voz de Riobaldo. “Ah, o que eu prezava ter era essa instrução do senhor, que dá rumo para se estudar dessas matérias...” (ROSA 1958: 221). Deste modo, o uso que faz Guimarães Rosa de um cidadão “instruído” em silêncio pode ser encarado como estratégia do autor, que assim não quer ver reduzidas as indagações de seu protagonista.

Riobaldo transfere a ambigüidade de sua amada para todas as coisas por ele observadas. “Melhor, se arrepare: pois, num chão, e com igual formato de ramos e fôlhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata?” (ROSA 1958: 12). Com a desconfiança entre os seus sentimentos mais caros, Riobaldo narra a sua trajetória entre Deus e o diabo, entre o homem e a mulher, entre o legal e o ilegal e assim por diante, sem que se fixe e deixe de lado o trânsito de suas opiniões. “Eu era dois, diversos?” (ROSA 1958: 460)⁶. Por exemplo, a certa altura, em meio aos outros jagunços, após um momento em que se ocupara em observar o Hermógenes, reflete Riobaldo sobre sua relação com os companheiros de profissão:

Então, eu era diferente de todos ali? Era. Por meu bom. Aquêlê povo da malfa, no dia e noite de relaxação, brigar, beber, constante comer. – “Comeu lóbo?” E vozear tantas asneiras, mesmo de Diadorim e de mim já pensavam (ROSA 1958: 164).

E logo abaixo, repetindo a questão com outra formulação, decide-se Riobaldo pelo contrário: “E eu era igual àqueles homens? Era”. Essa alternância de opiniões de Riobaldo demonstra que ele, como personagem inquisitivo que é, não assume posturas excludentes, sendo usualmente uma coisa e outra simultaneamente⁷. “Acho que eu não era capaz de ser uma coisa só o tempo todo” (ROSA 1958: 442).

88

Coragem e medo, que estão entre as maiores preocupações de Riobaldo, também exemplificam as suas variações: “Eu cá não madruguei em ser corajoso; isto é: coragem em mim era variável” (ROSA 1958: 45). E assim, moventes como seus passos, os sentimentos de Riobaldo transitam de um lado para outro, pois, “[...] manter firme uma opinião, na vontade do homem, em mundo transviável tão grande, é dificultoso. Vai viagens imensas” (ROSA 1958: 501).

De acordo com Riobaldo, o “que nesta vida muda com mais presteza: é lufo de noruega, caminhos de anta em setembro e outubro, e negócios dos sentimentos da gente” (ROSA 1958: 435). Mas Riobaldo “nunca tinha certeza de coisa nenhuma”, como afirma em seu discurso. Resta-nos com isso verificar se a sua observação mantém a validade no caso de Franz Biberkopf.

⁶ Lembre-se o conhecido verso do *Fausto* de Goethe: “Zwei Seelen wohnen, ach! in meiner Brust”. “Vivem-me duas almas, ah! no seio”, em tradução de Jenny Klabin Segal (GOETHE 2004: 118).

⁷ Embora sentimentos e opiniões contrárias coexistam em Riobaldo, vale lembrar que o seu desejo expresso é outro: “Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados...” (ROSA 1958: 210).

Franz Biberkopf, dada a sua ingenuidade, talvez seja capaz de demonstrar até com maior nitidez a mobilidade de seus sentimentos. Seu imediatismo chega a impressionar e não raro o encontramos, sem maiores reflexões, saltando bruscamente de um estado emocional a outro⁸. Seus sentimentos são aparentemente simples: ele pode ser violento, quando irritado, ou fraternal e amoroso, quando alegre. Dono de um humor inconstante, Franz Biberkopf tem entre as suas mais significativas questões o controle do ânimo. Com a antiga companheira ele foi extremamente violento e descontrolado, e obteve assim anos de reclusão em Tegel. Libertado em Berlim, a vida que se lhe recomeça exige prudência e sobriedade. No entanto, não é simples para o ex-presidiário lidar sobriamente com todas as dificuldades que lhe cruzam o caminho. Numa de suas primeiras situações difíceis, que é quando, por razões políticas, freqüentadores de um bar implicam com a sua figura, surge prontamente a questão do autocontrole. Franz Biberkopf ali sabe que não deve se meter em confusão, travando então uma complexa luta com os seus impulsos para não avançar sobre os freqüentadores:

Eu me entreguei, pensa Franz, agarrou-se na janela diante da veneziana, vou estourar, homem, tomara que não me agarrem; quero ficar em paz com todos, mas vai haver uma desgraça, tomara que ele não seja idiota a ponto de me agarrar (DÖBLIN 1995: 85).

89

Claramente perturbado em seu equilíbrio, Franz Biberkopf deixa o bar para evitar maior confusão e cumprir com o seu desejo de ser um homem “decente”. É preciso mencionar que este seu desejo o inclina a participar inconseqüentemente das idéias de paz e ordem que orientaram a direita nazista, desconforto que fratura a amizade de Franz Biberkopf com seu velho amigo Georg Dreske na situação acima reportada. A exemplo dessa situação, poderíamos ainda localizar no livro outros momentos semelhantes em que o autocontrole de Franz Biberkopf é acionado não sem transtornos. Contudo, tratando aqui da transitoriedade dos seus sentimentos, mais proveitoso será observar como são paradoxais as ações da personagem que os têm por guia.

Na trajetória de Franz Biberkopf há uma situação em que ele, no início de sua amizade com Reinhold, envolve-se, que é a curiosa troca de amantes que une os dois. Constatamos que a mudança de opinião de Franz Biberkopf, que decide interromper a permuta, causa-lhe grande aborrecimento e a perda de um de seus braços. Mas Franz Biberkopf parece nutrir sentimentos iguais pela sua amada Mieze e por Reinhold, insistindo na amizade deste, enquanto

⁸ Vale mencionar que “emoção” deriva do vocábulo latino *motio*, implicando “movimento”, “ação”.

nós leitores, desde o final do quinto livro de *Berlin Alexanderplatz*, que é o momento do acidente que lhe tira o braço, sabemos que a figura sombria de Reinhold não pode lhe fazer bem. Como conseqüência de sua relação cega com Reinhold, Franz Biberkopf, “um espírito que perdoa e concilia”, facilita no sétimo livro do romance o assassinato de sua pequena Mieke por Reinhold.

A ambivalência de Franz Biberkopf, endossada pela sua ingenuidade, não se restringe às relações fraternais, mas atinge também as esferas política, jurídica e econômica. Franz Biberkopf é contraditório, vende “jornais völkisch” e faz uso de uma braçadeira com a suástica, mas sustenta amizade e admiração por homens de posturas políticas outras, isso quando não prefere afirmar que a política não lhe diz respeito. “E mais uma vez não existe ninguém mais contente que o nosso Franz Biberkopf, que manda a política para o diabo” (DÖBLIN 1995: 270). Aliás, em sua noção de “decência”, vender jornais nazistas parece valer para Franz Biberkopf tão pouco quanto comercializar prendedores de gravatas ou cadarços, desde que disso resulte para ele alguns trocados. Podemos verificar igualmente que o oscilar que caracteriza sua postura política faz com que ele em outros âmbitos não consiga, até que se alcancem as últimas páginas do livro, estabelecer o seu lugar social numa estabilidade econômica ou jurídica. Franz Biberkopf está durante todo o livro entre o emprego e o desemprego, entre o “decente” e o criminoso, alternando os seus desejos e confundindo-se entre eles.

Do mesmo modo que transitam as pernas, sentimentos e posições de Franz Biberkopf pelas ruas berlinenses, também podemos pensar que ali circulam as mercadorias no livro anunciadas, os discursos anônimos que noticiam fatos públicos e privados etc. Ao escrever *Berlin Alexanderplatz*, Döblin não ignora que o trânsito de pessoas, carros, bondes, mercadorias e informações constitui parte importante da paisagem de uma grande cidade. Sem deixá-lo de lado, a narrativa de *Berlin Alexanderplatz* parece querer a mesma complexa linguagem com a qual a cidade se faz legível. Nesse sentido, *Berlin Alexanderplatz* não é uma “expressão” da cidade, entendendo, aqui, “expressão” como uma prática de texto que demonstraria o estado anímico de um autor (a fascinação, o susto, a paixão, o medo num lamento ou numa canção de amor), sujeito particular, em sua relação específica com um objeto (no caso, o tema da cidade moderna). Antes, é uma narrativa que procura com maior objetividade aproximar a estrutura urbana de seu discurso, e para isso coloca em cena os elementos flutuantes e variáveis de um cotidiano metropolitano: discursos políticos, questões econômicas, anúncios de produtos e serviços, textos jornalísticos, estatísticas, presenças míticas e

também personagens inconstantes e passageiros, entre eles o protagonista Franz Biberkopf.

Não apenas em *Berlin Alexanderplatz*, mas também em *Grande Sertão: Veredas*, às qualidades transitórias dos protagonistas que ressaltamos até agora em nosso trabalho, correspondem os seus enunciados com igual mobilidade. É indispensável, nesse caso, pensá-los em conjunto.

Observar o trânsito acidentado nas andanças de Franz Biberkopf, assim como as viagens pelo sertão de Riobaldo, pode ser interessante quando se nota que a fala possui semelhanças com o “ato de caminhar”. Afirmo Michel de Certeau que o

[...] ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos. Vendo as coisas no nível mais elementar, ele tem com efeito uma tríplice função ‘enunciativa’: é um processo de *apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma *realização* espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica *relações* entre posições diferenciadas, ou seja, ‘contratos’ pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é ‘alocução’, ‘coloca o outro em face’ do locutor e põe em jogo contratos entre colocutores) (CERTEAU 2001: 177).

91

Ao movimento do que é narrado, nos livros de Döblin e Guimarães Rosa, podemos somar o movimento do que narra. Por exemplo, em *Berlin Alexanderplatz*, às barreiras que Franz Biberkopf tem de transpor em sua trajetória com esforço estéril, correspondem interrupções de elementos discursivos estranhos ao texto da trama de nosso protagonista. Os caminhos interditados para ele encontram no texto que os narra semelhante situação quando entrecruzam a história do protagonista fragmentos discursivos que dela não participam diretamente, como pode ser notado no início do segundo livro do romance, quando, após um relato das condições de Berlim naquele momento, que inclui notícias bastante diversificadas, não se obtêm informações de Franz Biberkopf sem antes, por cinco páginas, demorar-se o texto nas histórias de dois amigos quaisquer que comentam o desemprego de um deles e no caso de uma garota que se encontra furtivamente com um senhor de meia-idade (DÖBLIN 1995: 48-52). Também, sem que se fixe num determinado assunto, o texto de Döblin repetidas vezes transita num mesmo trecho da narrativa por elementos deveras diversificados. O trecho a seguir, apesar de longo, é talvez o melhor exemplo dessa estratégia:

Lojas de bebidas, restaurações, mercadinhos de fruta e verdura, produtos coloniais e especiarias, transportes, pinturas decorativas, confecção feminina, produtos de farinha e moinhos, garagens, corpo de bombeiros: a

vantagem da mangueira a motor é a construção simples, fácil manejo, pouco peso, tamanho reduzido. – Camaradas alemães, nunca o povo foi enganado de maneira mais infame, nunca uma nação foi traída de maneira mais degradante e injusta como o povo alemão. Recordam ainda como Scheidemann, a 1º de novembro de 1918, prometeu paz, liberdade e pão no peitoril da janela do Reichstag? E como cumpriram a promessa? Equipamento para canalizações, companhia de limpeza de janelas, sono é remédio, cama de paraíso Steiner. – Livraria, a biblioteca do homem moderno, nossas edições completas e autores e pensadores influentes reúnem-se e constituem a biblioteca do homem moderno. São os grandes representantes da vida intelectual européia. A lei de proteção do inquilinato é um pedaço de papel. Os aluguéis sobem constantemente. A classe média trabalhadora é atirada ao chão e sufocada, o oficial de justiça tem colheita farta. Pedimos créditos públicos até 15.000 marcos à pequena indústria, proibição imediata de todas as hipotecas dos pequenos industriais. – É desejo e dever de toda mulher preparar-se para a hora do parto. Todos os pensamentos e emoções da futura mãe giram em torno do nascituro. Então a escolha da bebida certa para a futura mãe é particularmente importante. A legítima cerveja Engelhardt-Caramelo possui como nenhuma outra bebida as qualidades do bom sabor, da força nutritiva, é digestiva, tem efeito refrescante. – Cuide do futuro de seu filho e de sua família com um seguro de vida de uma seguradora suíça, Caixa de Pensões de Zurique. – O seu coração vai pular de alegria quando você tiver um lar mobiliado com os famosos móveis Höffner. Tudo o que você sonhou sobre conforto é superado por essa realidade nunca antes imaginada. Embora os anos passem, essa visão permanece agradável, e sua durabilidade e utilidade prática são uma renovada alegria (DÖBLIN 1995: 115-116)⁹.

92

O heteróclito acima não deixa de compor de modo interessante o ambiente transtornado de uma grande cidade. Com isso, mais do que afirmar que a narrativa de *Berlin Alexanderplatz* pratica uma movimentação contínua que se faz homóloga ao trânsito urbano, queremos também observar que, apesar de nesse procedimento Döblin utilizar elementos estranhos à história de Franz Biberkopf, como já mencionamos, os pedaços discursivos que rodeiam a trajetória do protagonista são também significativos para a compreensão de sua vida, uma vez que situam as atividades dele no conjunto de experiências que podem ser vivenciadas na Berlim de seus dias.

De uma grande atualidade, as questões colocadas no romance estão desenvolvidas de tal modo que confluem nele os movimentos de Franz Biberkopf e a movimentação da linguagem que os narra. Por isso também Döblin não utiliza exatamente a mesma língua alemã de Goethe, mas prefere em seu texto um forte efeito de oralidade, aproximando sua escrita dos modos

⁹ Ao citar trechos da edição brasileira de *Berlin Alexanderplatz*, optamos por não interferir nas escolhas de sua tradutora, pois não estão entre os objetivos de nosso texto tais comentários. Em todo caso, na versão em língua portuguesa deste longo trecho citado, repare-se o erro que indica a data do discurso de Scheidemann, já que o evento se deu no dia nove de novembro de 1918.

de falar berlinenses da época. A ilusão de oralidade que se obtém com esse recurso sugere mais ainda o caráter de mobilidade que encontramos no texto do romance, já que nele se antecipam, a um discurso literário vinculado às normas cultas da língua, as liberdades lingüísticas que normalmente se dão na fala. Do mesmo modo, o texto de feição não menos móvel de *Grande Sertão: Veredas* abusa dos efeitos de oralidade, sobretudo porque todo o romance é apresentado como uma fala, a do protagonista Riobaldo. Cheio de artifícios, o texto de Guimarães Rosa é dotado de uma rica linguagem que já há muito tem sido objeto de estudo daqueles cujo interesse maior está nos malabarismos formais do autor. Aqui, contudo, restringimos nosso interesse em observar que a linguagem serpentiforme de *Grande Sertão: Veredas* é mais um dos aspectos que reforçam as movimentações de Riobaldo, como o faz a narrativa de *Berlin Alexanderplatz* com Franz Biberkopf.

“Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma” (ROSA 1958: 22). Arbitrária, a fala operante de Riobaldo não apenas ordena a seu modo a narração de sua história, como também pratica um contínuo deslocamento das normas que determinam o “bom uso” sintático e lexical dos termos da língua portuguesa. Para contar a “matéria vertente”, a narrativa do romance de Guimarães Rosa investe na transformação das palavras que utiliza, adaptando prefixos e sufixos aos termos como lhe convém (“desfalar”, “desmim de mim-mesmo”, “compertencer”, “movimental”, “andantemente”, “influimento”, “noivável”, “raivabundo” etc.), fazendo a junção de outros dois termos para a obtenção de um terceiro (“prostitutriz”, “patatrás”, “tartamelar” etc.), reduzindo vocábulos (“confa”, “supro” etc.), jogando com a sonoridade da língua nos usos onomatopaicos (o “chochorro mateiro”, o “chirilil dos bichos”, o “chiim dos grilos” etc.), além de atualizar arcaísmos do idioma na fala de Riobaldo.

Tal como a pedra que Riobaldo guarda consigo a fim de presentear Diadorim, que de início é um topázio (ROSA 1958: 59), mas em seguida é transformada numa safira (p. 353), sendo ainda depois uma ametista (p. 534), a fala de Riobaldo ganha movimento com as variações que ela apresenta: “vem o pão, vem a mão, vem o são, vem o cão” (ROSA 1958: 13). Desviando das certezas de um discurso seguro daquilo que afirma, dos trabalhos que a fala caprichosa de Riobaldo efetua sobre a língua portuguesa, resulta como efeito uma espécie de indeterminação que condiz com a sua noção de que a “vida é um vago variado”. Corroboram ainda essa indeterminação os recorrentes momentos em que Riobaldo lança mão de imagens de grande delicadeza poética, que bestam o entendimento dos seus leitores com “coisas

que não cabem em fazer idéia”. Por exemplo, frases como: “Vaqueiro pode laçar o lugar do ar?” (ROSA 1958: 472); “Então, eu vi as côres do mundo. Como no tempo em que tudo era falante, ai, sei” (ROSA 1958: 142); “Já tenteou sofrido o ar que é saudade?” (ROSA 1958: 27) etc., imbuem de mistério o texto do romance, e assim toda a movimentação que há na superfície da narrativa de *Grande Sertão: Veredas*, similar ao vôo de um pássaro que Guimarães Rosa descreve como “vai sôbre vem sob” (ROSA 1958: 29), faz também com que dela sejam projetadas conseqüentemente significações profundas que a muitos estudiosos do autor interessam. Nas palavras de João Adolfo Hansen, há no enunciado do romance de Guimarães Rosa a “efetuação de um fundo” (HANSEN 2000: 71 e seguintes), ou seja, revela-se, para o leitor que assim queira, essências e substâncias transcendentais com esse movimento que “vai sobre” o texto e que volta sob a forma de sutis efeitos metafísicos.

Resta ainda notar que na fala falsamente ingênua de Riobaldo encontra-se uma grande variedade de saberes que pertencem ao autor do romance. Deste modo, assim como *Berlin Alexanderplatz*, *Grande Sertão: Veredas* possui, na verdade, uma vasta variedade de vozes, unificadas em seu caso nos movimentos da voz de Riobaldo. Estão presentes lado a lado, no romance de Guimarães Rosa, o imaginário sertanejo, sua tradução urbana de longa tradição em nosso país, a religiosidade católica ou kardecista, autores como Plotino, além dos amplos conhecimentos lingüísticos do autor, atualizando temporalidades diversas e dispondo conteúdos vários. Em meio a essa pluralidade, configura-se uma narrativa que tem a capacidade de adequar ao seu modo tudo aquilo que lhe convém, experimentando a verossimilhança e a unidade que disso tudo resultam.

Com discursos que não se diferenciam da variedade e da transitoriedade das histórias narradas, mas que as produzem ao transformarem discursos distantes em próximos, transitando constantemente entre uma coisa e outra, *Grande Sertão: Veredas* e *Berlin Alexanderplatz* confundem significações e geram sentidos múltiplos. Como nota Klaus Scherpe, quando Döblin recorre às tradicionais referências simbólicas da cidade (prostituta, selva, matadouro), aos diálogos com o texto bíblico (Jó, Jeremias, Isaac), aos eventos marcados com a presença de elementos naturais sugestivos (vento, floresta), e também à estadia de Franz Biberkopf num sanatório como momento de transformação do velho em “novo Franz”, garante-se para o conjunto que se constrói de modo não-orgânico possíveis unidades de sentido (SCHERPE 1988: 433). Assim, numa Berlim babilônica, a saída do presídio de Tegel, por exemplo,

pode ser lida num parentesco com a tradição ali presente, ou seja, pode ser a expulsão de Franz Biberkopf do Éden; o “sacrifício” do protagonista encontrará igualmente no texto os animais do episódio do matadouro; Franz Biberkopf pode ainda assemelhar Jó ou competir com os heróis da mitologia grega; a figura sombria de Reinhold ou a imagem de uma cidade ameaçadora podem ser associadas às repetidas frases que anunciam o “ceifeiro” presente etc. Todavia, textos que ordenam uma significativa multiplicidade de elementos terminam por comprometer a eleição de uma unidade de sentido único que se forje com associações mais ou menos evidentes.

É ainda de algum modo complicado apreender de *Berlin Alexanderplatz* oposições nítidas. Como o texto de Döblin desmancha as identidades possíveis, ele talvez não deva ser lido do mesmo modo que se lê um texto em que se pode opor um verdadeiro a um falso, ou um mal a um bem, a exemplo da análise que faz Volker Klotz de *Berlin Alexanderplatz* em seu importante livro *Die erzählte Stadt*, orientada por uma concepção da representação literária na qual a relação entre o discurso ficcional e a realidade a ele correspondente considera positivamente a validade de oposições previamente concebidas (como aquela entre campo e cidade, sertão e litoral), de um simbolismo compartilhado e de um antropocentrismo, que opõe, por sua vez, indivíduo e massa. Franz Biberkopf, para Klotz, está na condição de Fausto, ou seja, entre os opostos Deus e Mephisto, como uma pessoa em teste, em luta com as condições de Berlim (KLOTZ 1969: 409). O problema desse modo de ler o livro de Döblin é que Franz Biberkopf não chega a ser destacado, como um *flâneur* baudelaireano, do coletivo que o carrega, nem predomina no livro, apesar de algumas referências míticas, uma fascinação ou um horror, como o de alguns autores expressionistas, ao simbólico monstro urbano. *Berlin Alexanderplatz* mais afirma, com as montagens de sua narrativa, a perda das relações sociais e morais seguramente identificáveis; *Berlin Alexanderplatz* mais concilia a simultaneidade conflitante sem abstenções.

De um modo ou de outro, o que se afirma nos textos de *Berlin Alexanderplatz* e de *Grande Sertão: Veredas*, sob a condição de uma linguagem em permanente trânsito, é uma indeterminação que envolve as trajetórias de seus protagonistas de ponta a ponta. As suas narrativas, com grande liberdade e êxito, operam as decisões que julgam estar de acordo com a disposição de seus textos de compreender o espaço complexo de uma grande cidade e de um grande sertão, e com isso, ao elegerem protagonistas como Riobaldo e Franz Biberkopf, permeiam as suas experiências desta vaguidão que não fixa

valores seguros e conclusivos. “Esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir suas perdas e colheitas” (ROSA 1958: 138).

Riobaldo sem Diadorim e transtornado pelo passado, Franz Biberkopf sem Mieze e sem um braço, como personagens que traçam um percurso no espaço narrativo de seus livros, dão a entender que no processo de suas trajetórias as dificuldades são muitas e efetuam transformações significativas. Como resultante de seus trajetos, constatamos o estado de suas condições últimas, ou seja, um Riobaldo proprietário de terras, casado, religioso e aposentado de suas antigas atividades de jagunço; e um Franz Karl Biberkopf, sujeito outro, empregado como auxiliar de porteiro de uma empresa de médio porte e cidadão ajustado livre da criminalidade. Porém, como as condições últimas dessas personagens não constituem o núcleo de seus romances propriamente¹⁰, demos maior atenção aqui às movimentações de suas vidas, às andanças que parecem configurar as narrativas dos dois textos e jogar com seus significados:

Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (ROSA 1958: 35).

96

No trecho acima, por exemplo, o pensamento aparentemente imediatista de Riobaldo, além de, em grande medida, aproximá-lo neste aspecto de Franz Biberkopf, toca na questão de seu trânsito como fundamento de sua experiência. Se aceitarmos essa condição, será preferível examinar a movimentação de Riobaldo e sua fala a procurar pela síntese de sua trajetória, já que uma coisa, necessariamente, e no caso deste livro, compromete a outra. Quer dizer, o Riobaldo que menino admirou o bando de jagunços, aprendeu com Diadorim a amar, reconhecer e enfrentar seus medos; o Riobaldo que em momentos foge e em outros enfrenta, discursiva, assume e pactua é um Riobaldo em conformidade com o movimento de sua incessante fala que, tal como o vento que varre o orvalho das folhas, nega a formação de substâncias que sintetizem o processo pelo qual ele se transforma. O movimento está em tudo no romance de Guimarães Rosa, ele é o seu sentido.

¹⁰ Não podemos esquecer que a narrativa de *Grande Sertão: Veredas* se faz como rememoração de seu protagonista, portanto a perspectiva é a de um jagunço aposentado em suas atuais condições. Mas, é a lembrança do passado, no presente da fala de Riobaldo, que se encarrega de compor o livro. Tanto no romance de Guimarães Rosa quanto no de Döblin, a compreensão do todo deve considerar os dois momentos distintos que compõem e dividem os romances, o que nos levaria a compreendê-los, também, como “romances de transformação” das personagens centrais.

Do mesmo modo, a linguagem do romance de Döblin que se quer análoga ao movimento de uma grande cidade é um trânsito constante de seus elementos urbanos. Franz Biberkopf, como parte de Berlim, é um ser cuja trajetória móvel compromete a condensação de uma unidade resultante estática; o sentido de seu percurso é sua mobilidade.

Quando imaginamos próximos *Grande Sertão: Veredas* e *Berlin Alexanderplatz*, podemos esboçar variados problemas que a reunião levanta. Procuramos aqui abordar a questão de um modo em que a distância, dentro do universo romanesco, entre os ambientes urbano e sertanejo, parece-nos reduzida. Quem sabe aliviamos, com isso, algo das inquietações sofridas por Riobaldo, que diante das incertezas de suas observações sobre a mobilidade da vida sertaneja recorre à imagem de uma grande cidade que o socorreria, e que poderia ser, talvez, a Berlim por onde tanto se moveu o seu não menos inquieto companheiro Franz Biberkopf:

Mas o sertão está movimentante todo-tempo – salvo que o senhor não vê; é que nem braços de balança, para enormes efeitos de leves pesos... Rodeando por terras tão longes; mas eu tinha raiva surda das grandes cidades que há, que eu desconhecia. Raiva – porque eu não era delas, produzido... E naveguei salaz (ROSA 1958: 487).

97

Sertanejos ou citadinos, em Riobaldo e Biberkopf os giros são os mesmos, fundamentos em verbo e vento, encontram-se no espaço dos volteios dos romances de seus passos.

Referências bibliográficas

- ARRIGUCCI JR., Davi. “O Mundo Misturado. Romance e Experiência em Guimarães Rosa”. In: *Novos Estudos CEBRAP* 40/1994, 7-29.
- BENJAMIN, Walter. “A Crise do Romance”. In: *Obras Escolhidas I*. São Paulo, Brasiliense 1994, 54-60.
- BENJAMIN, Walter. “O Autor como Produtor. Conferência Pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de Abril de 1934”. In: *Obras Escolhidas I*. São Paulo, Brasiliense 1994, 120-136.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Vozes 2001.
- DÖBLIN, Alfred. *Berlim Alexanderplatz. A História de Franz Biberkopf*. Rio de Janeiro, Rocco 1995.

- DÖBLIN, Alfred *Berlin Alexanderplatz. Die Geschichte vom Franz Biberkopf*. Frankfurt am Main, Suhrkamp 2002.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto – Uma Tragédia – Primeira Parte*. São Paulo, Ed. 34 2004.
- HANSEN, João Adolfo. *A Ficção da Literatura em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo, Hedra 2000.
- KIESEL, Helmuth. “Lesskow oder Döblin? Über die fragliche Grundlage der vielberufenen These von der Unmöglichkeit des Erzählens in der Moderne”. In: MANGER, Klaus (Hg.): *Wirklichkeit der Kunst und das Abenteuer der Interpretation. Festschrift für Horst-Jürgen Gerigk*. Heidelberg, Winter 1999, 171-180.
- KIESEL, Helmuth. *Geschichte der literarischen Moderne. Sprache – Ästhetik – Dichtung im zwanzigsten Jahrhundert*. München, C. H. Beck 2004.
- KLOTZ, Volker. *Die erzählte Stadt. Ein Sujet als Herausforderung des Romans von Lesage bis Döblin*. München, Carl Hanser 1969.
- MAZZARI, Marcus Vinicius. *Romance de Formação em Perspectiva Histórica – O Tambor de Lata de Günter Grass*. São Paulo, Ateliê Editorial 1999.
- PASTA JÚNIOR, José Antonio. “O Romance de Rosa. Temas do Grande Sertão e do Brasil”. In: *Novos Estudos CEBRAP* 55/1999, 61-70.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, José Olympio 1958.
- SCHERPE, Klaus R. “Von der erzählten Stadt zur Stadterzählung. Der Großstadtdiskurs in Alfred Döblins *Berlin Alexanderplatz*”. In: FOHRMANN, Jürgen; MÜLLER, Harro (Hgs.): *Diskurstheorien und Literaturwissenschaft*. Frankfurt am Main, Suhrkamp 1988, 418-437.